

GASTURA ENQUANTO SINTOMA: UMA INVESTIGAÇÃO SEMÂNTICA EM TEXTOS LITERÁRIOS ANTIGOS E ARTIGOS DE LINGUÍSTICA MÉDICA

Renato Faria da Gama (UENF)

renatofgama@gmail.com

Maria Antônia A. Rangel (UENF)

Fábio Ramos Sandes (UENF)

João Paulo G. Barreto de Moura (UENF)

Lorena Pereira Escocard (UENF)

Lucas Correa Diminic (UENF)

Lucas de Souza Gomes (UENF)

Os pressupostos sociolinguísticos determinam que as línguas são vivas, passando por modificações históricas ao longo de sua utilização. O vocábulo “gastura” é derivado do verbo “agastar”, comum no português arcaico e menos utilizado na contemporaneidade. Presente em obras clássicas e populares da literatura brasileira, o termo não consta nos livros de semiologia e propedêutica médica. Tanto na literatura quanto nos artigos de Linguística aplicada à clínica, pode representar uma ampla variedade de desconfortos, como parestesias, dor física ou sofrimento psicológico. Embora não faça referência a um aparelho orgânico específico, com alguma frequência se refere aos sintomas do trato digestório. Apresentada por estudiosos da linguística médica em Portugal como vocábulo característico do português brasileiro, é reivindicado como próprio por diferentes dicionários de termos regionais do Brasil. Neste trabalho os autores propõem uma análise semântica do termo gastura no universo clínico levando em conta uma revisão narrativa dos contextos de sua ocorrência, tanto em textos literários antigos quanto em artigos que tratem da linguística médica. Concluem que se trata de expressão polissêmica, à qual múltiplas manifestações clínicas podem ser relacionadas, motivo pelo qual se faz necessário que profissionais de saúde realizem uma investigação semântica individualizada sempre que o termo surgir como queixa clínica.

Palavras-chave:

Comunicação interdisciplinar. Medicina na literatura.

Barreiras de comunicação.